

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO
CURSO TECNOLÓGICO EM FOTOGRAFIA

FOTOGRAFIA COMO LEITURA E INSCRIÇÃO NO ESPAÇO

Orientanda: Priscila Bellotti

Orientadora: Profa. Dra. Mirlene Simões

RESUMO

Este trabalho é um estudo que parte da vontade de conhecer e fotografar a cidade de São Paulo, partindo de seu centro histórico, e do entendimento das forças que reconfiguram a cidade continuamente em benefício de alianças público-privadas e de um planejamento urbano exclusivista. Da formação da vila de São Paulo até a sua transformação na megalópole contemporânea, desenvolveram-se processos econômicos, políticos e sociais injustos, que reordenam a cidade em benefício de grupos minoritários. A partir das leituras bibliográficas e da análise dos trabalhos fotográficos “Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo: 1862-1887” de Militão Augusto de Azevedo, "Cracolândia" (2012) e “Atlas da cidade de São Paulo e seus arredores” (2016) de Tuca Vieira, e “Variações do mesmo tema: arqueologia do que está por vir” (2011) de Fernando Pião, a autora fotografou o ensaio "Construção - destruição - reconstrução" (2017). As imagens apresentadas revelam uma paisagem em que convivem arquiteturas de diferentes tempos históricos e o contraste entre a opulência e a precariedade das construções, a custas do deslocamento de vidas e de fluxos de investimentos. Esse estudo se debruça sobre uma cidade que cresce sobre sua própria ruína.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade. Fotografia. Reconstrução. Alteridade.

ABSTRACT

This work is a study that comes from the desire to learn about the city of São Paulo and photograph it beginning at its historical center and the understanding of the powers that are continually reshaping it for the benefit of public/private alliances and an exclusivist urban planning. From the establishment of the village of São Paulo until its transformation into the contemporary megalopolis, there has been a development of unjust economic, political and social processes which has altered the city for the benefit of minority groups. From the bibliographical readings and the analysis of the photographic works "Álbum Comparativo da

Cidade de São Paulo: 1862-1887", by Militão Augusto de Azevedo, "Cracolândia" (2012) and "Atlas da cidade de São Paulo e seus arredores" (2016), by Tuca Vieira, and "Variações do mesmo tema: arqueologia do que está por vir" (2011), by Fernando Pião, the author created the photo essay "Construção - destruição - reconstrução" (2017). The images that are presented reveal a landscape where architectonic styles from different historical times and the contrast between the opulence and the precariousness of the buildings, at the expense of lives and investment flows. This study addresses a city that grows over its own ruin.

KEY WORDS: City. Photography. Reconstruction. Alterity.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa de iniciação científica tem seu ponto de partida no caminhar pela cidade de forma utilitária ou contemplativa, sempre atento às mudanças na paisagem urbana.

A câmera fotográfica a tiracolo foi testemunha da constante renovação e reconstrução urbana, e as fotografias registradas durante o desenvolvimento do projeto tornaram-se instantâneos de um momento da história da cidade. Registros de um instante e de uma configuração urbana que se reordena a todo momento de acordo com um planejamento urbano coordenado por alianças público-privadas em detrimento da coletividade.

O centro histórico de São Paulo foi o território escolhido para a pesquisa por ser o ponto inicial de formação da cidade e importante região para o desenvolvimento do viria ser a megalópole brasileira. Paisagem que apresenta arquiteturas de diversas épocas, onde se evidenciam os fluxos de investimento e decadência orquestrados pela especulação imobiliária.

Guiaram essa pesquisa os textos de Milton Santos (1996), Raquel Rolnik (2017), Paola Berenstein Jacques (2012), Guilherme Wisnik (2016) e Francesco Careri (2013). Além dos trabalhos fotográficos de Tuca Vieira (2012 e 2016) e Fernando Pião (2011), pensadores e caminhanes da cidade, cujas imagens revelam a economia política do espaço urbano, do urbanismo do "puxadinho" aos grandes empreendimentos do complexo imobiliário financeiro.

A partir dessas referências e da disposição para caminhar na cidade, a autora deste projeto desenvolveu o ensaio fotográfico "Construção - destruição - reconstrução" que revela a convivência de arquiteturas antigas e, algumas, até precárias, ao lado de projetos arquitetônicos espetaculosos.

O objetivo do presente projeto é apresentar, através de fotografias e análises, como o processo de urbanização da região central de São Paulo, baseado em planejamentos em benefício de poucos grupos privados e políticos, e a custas de processos de gentrificação e precarização da vida, definiu uma paisagem que se reconstrói sobre sua própria ruína.

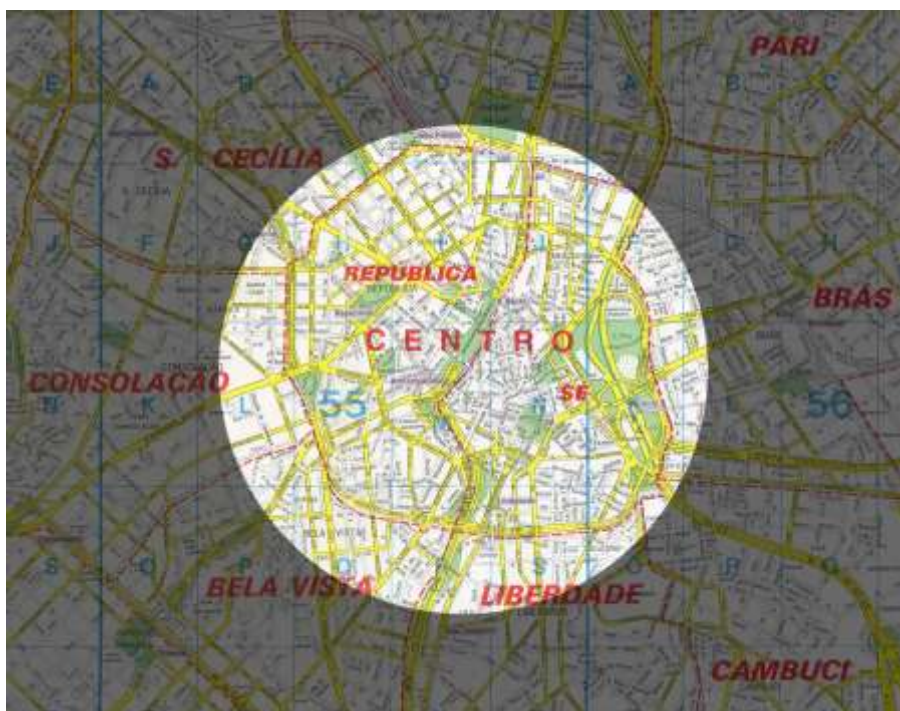


Figura 1: Mapa do Centro de São Paulo. Fonte: São Paulo na Foto.
(Imagem alterada pela autora para especificar o território estudado)

1. SÃO PAULO, FORMAÇÃO E CRESCIMENTO

A formação da cidade de São Paulo aconteceu no que chamamos hoje de centro histórico. Um pequeno núcleo comercial que funcionava em função da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, fundada em 1827, e dos viajantes que passavam pela região, geralmente vindos do Porto de Santos rumo à capital imperial, o Rio de Janeiro, ou ainda para cidades do nordeste, como Recife e Salvador, que já contavam com um crescimento econômico e cultural.

Após o desenvolvimento da agricultura cafeeira, São Paulo deixou de ser uma cidade de passagem até tornar-se o pólo financeiro do país.

Com o café, a cidade caipira se modernizou em um curto período de tempo. Houve um brutal aumento no número de migrantes e imigrantes que se somavam aos senhores, aos comerciantes, aos escravizados e estudantes. A cidade se constituía em meio a novas relações pessoais e de trabalho. (FERNANDES JUNIOR *et alli*, 2012)

Através do “Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo: 1862-1887” do fotógrafo Militão Augusto de Azevedo é possível notar a mudança que se dava na região. Militão trabalhava em um dos estúdios de fotografia especializados em retratos, única atividade econômica rentável associada à fotografia na época, e, em 1862, fotografou pontos específicos da vila paulistana. Essas imagens se tornaram um dos poucos registros iconográficos do período anterior ao desenvolvimento da agricultura cafeeira que pode ser acessado publicamente.

Em 1887, voltou a fotografar os mesmos lugares já registrados em 1862 e montou o “Álbum comparativo da cidade de São Paulo: 1862-1887”. Em 25 anos, a vila havia se desenvolvido e a população crescido consideravelmente. O traçado das ruas se ampliaram e a arquitetura das casas senhoriais ganharam ares aristocráticos com uma construção mais reservada, distanciada da rua e com as janelas voltadas para a lateral do terreno. Revelava-se aí uma mudança nas relações e o distanciamento das classes sociais.



Figura 2: Fotografias da Rua do Comércio em 1862 e 1887, de Militão Augusto de Azevedo.
Fonte: FERNANDES JUNIOR, *et all.*, p. 26, 2012.



Figura 3: Fotografias da Rua da Quitanda em 1862 e 1887, de Militão Augusto de Azevedo.
 Fonte: FERNANDES JUNIOR, *et al.*, p. 147 e 148, 2012.

Com o crescimento do núcleo central da cidade e de toda a sua rede comercial e de circulação de pessoas, a aristocracia cafeeira começou a mudar-se para outras regiões. O deslocamento da moradia da classe dominante da região central para outros bairros fez com crescesse o número de cortiços e a região se tornasse uma espécie de quilombo ocupado por negros alforriados considerados inábeis às tarefas manufatureiras que acabaram sendo executadas por imigrantes também instalados na região.

Assim como relata Rolnik (2017):

A grande transformação que ocorreu na cidade do café foi, sem dúvida, a configuração de uma segregação espacial mais clara: territórios específicos e separados para cada atividade e cada grupo social. Isso se deu por meio da constituição dos bairros proletários e dos loteamentos burgueses, da apropriação e reforma do Centro urbano pelas novas elites e da ação discriminatória dos investimentos públicos e regulação urbanística que ajudaram a construir e perpetuar as diferenças. (ROLNIK, 2017, p. 22)

Segundo a regulação urbanística discriminatória citada logo acima por Raquel Rolnik, novos bairros seriam habitados pela classe dominante, se tornariam excelentes investimentos imobiliários e contariam com boa rede de serviços. Ainda sobre o mesmo tema:

Afastada do núcleo urbanizado, a avenida Paulista contava com rede de água e esgoto, iluminação e piso macadamizado com pedregulhos brancos. Em 1894, Joaquim Eugênio de Lima, incorporador da Paulista, consegue aprovar uma lei na Câmara Municipal exclusivamente para a avenida, obrigando as futuras construções a obedecer a um afastamento de dez metros em relação à rua, bem como dois metros de cada lado, a serem ocupados por "jardins e arvoredos". Dessa forma, por meio de leis que definem um modo de construir ao qual corresponde clara e exclusivamente um segmento social, garantiu-se ao longo da história da cidade que os espaços com

melhor qualidade urbanística fossem destinados a esses grupos, apesar da imensa pressão representada permanentemente pelo crescimento populacional de massas imigrantes. (ROLNIK, 2017, p. 23)

A região central, núcleo histórico da construção da cidade, habitada por negros e imigrantes, seguia uma lógica de mercado informal com regras e padrões mais baixos caracterizada pelo grande número de cortiços. Um mercado considerado ilícito que se mantinha sob as vistas grossas do poder público mas se tornava foco de clientelismo e populismo em períodos eleitorais. Tratava-se de uma política de barganha entre votos e promessas de campanha que transformaram o centro em uma área de instabilidade permanente e subordinação a um planejamento urbano oportunista.

Desde então, esse processo de seletividade territorial determinou um direcionamento dos investimentos públicos baseado em leis de uso e ocupação do solo.

Dessa maneira, demarcava-se uma área "regulada" da cidade, onde a habitação popular - na época, o cortiço e outras formas de moradia de aluguel - não poderia acontecer, ao mesmo tempo que se configurava, fora do perímetro urbano, uma zona de obscuridade sobre a qual o olhar do poder municipal não vigorava. (ROLNIK, 2017, p.26)

Mesmo com a crise do café a partir da segunda década do século XX, São Paulo não parava de receber migrantes de todo o país e imigrantes da devastada Europa pós 1ª Guerra Mundial. As estações ferroviárias eram a porta de entrada de milhares que se instalavam na inflada região central da cidade. A falta de moradia para tanta demanda fez com que a população avançasse para áreas periféricas.

No contexto da Primeira Guerra Mundial, em virtude do colapso das linhas de comércio internacional, São Paulo assistira a um grande surto de crescimento industrial, iniciando o processo de substituição de importações, voltado para a produção nacional de bens de capital e consumo para o mercado interno, assim como para a exportação de gêneros alimentícios aos países-membros da Tríplice Entente. As decorrências dessa industrialização em larga escala foram, além do aparecimento de proletariado urbano, um intenso crescimento demográfico que implicou aumento da demanda por terrenos e habitação e carestia geral, que multiplicava os preços dos gêneros alimentícios, vestuário e aluguéis, configurando uma disparada inflacionária. (ROLNIK, 2017, p. 29)

Os anos 1930, durante o Governo Vargas, se caracterizaram por um regime populista de tolerância à informalidade das construções periféricas e estabelecimento de um pacto de

doação-retribuição que garantiu apoio popular ao Presidente. O avanço dessas populações para as periferias da cidade gerou um desadensamento da região central e fez com que a área fosse valorizada.

Parte desses novos habitantes foi absorvida como mão de obra na construção civil em novos projetos de canalização de rios, construção de marginais e grandes avenidas. A cidade era guiada pelo lema “São Paulo não pode parar” do Governador Ademar de Barros (primeiro mandato de 1945-1951 e segundo mandato de 1963-1966) e crescia sob políticas públicas de estímulo ao uso de automóveis, grandes obras viárias e um planejamento urbano articulado por alianças entre o poder público e o capital privado.

Até a década de 1960, o centro da cidade, como era chamada a área correspondente ao Centro Histórico de São Paulo, era uma mistura de pessoas de diferentes origens e experimentava um caldo cultural, econômico e político diversificado em que conviviam órgãos públicos, empresários, trabalhadores assalariados e informais, grandes lojas, camelôs, apartamentos de luxo e quitinetes.

No entanto, já próximo da década seguinte, grandes empresas, bancos e órgãos públicos começaram a transferir seus estabelecimentos para a região da Avenida Paulista transformando-a no novo centro econômico e cultural de São Paulo. O centro histórico passava por um processo de deterioração arquitetônica e avanço de um comércio popular estimulado pela chegada do metrô. Muitas ruas se tornaram peatonais e a aproximação das elites motorizadas se tornou cada vez mais rara. (ROLNIK, 2017, p. 150)

Os anos de Milagre Econômico (1968-1973) fizeram de São Paulo um verdadeiro canteiro de obras. As leis de zoneamento entravam em vigor com a intenção de determinar diretrizes de uso e ocupação do solo e, claramente, respeitar os critérios de seletividade territorial e a lógica de investimentos.

O centro histórico da cidade de São Paulo se tornava um núcleo comercial popular com vários edifícios abandonados. O deslocamento no plano de investimentos urbanos esvaziou muitos prédios do centro antigo e o transformou em território especulativo, em que grandes áreas subutilizadas e empobrecidas se tornam alvo de eventuais projetos espetaculosos acordados por Parcerias Público Privadas.

A especulação imobiliária move a produção da cidade, dividindo a população entre pessoas que querem lucrar com aquele terreno e pessoas que querem utilizá-lo. Ao ganhar força e legitimidade perante o poder público, a especulação permite a proliferação de outros processos devastadores para uma cidade que se quer

democrática, como a gentrificação, a verticalização desenfreada e a periferização. (MEKARI, 2015)

Todo um diagrama de forças que expõe as dinâmicas de um planejamento urbano perverso que visa apenas o lucro em detrimento da coletividade (WISNIK, 2016). Uma orquestração do espaço urbano em benefício das alianças público-privadas e da troca de favores entre financiamentos de campanha eleitoral e o aval para que a cidade esteja continuamente em reconstrução.

Entender o êxito econômico e político desse pacto territorial é fundamental para poder analisá-lo. Democratizar os mercados de solo urbano e, conseqüentemente, a cidade significa repensar a ordem legal urbana levando em consideração não somente o funcionamento real dos mercados mas também o complexo tema da cidadania e do acesso ao poder. (ROLNIK, 2017, p. 224)

A atualidade do contexto urbano apresentado é notória, mas é necessário salientar a existência de projetos e movimentos de resistência. Diante das ações especulativas que norteiam o mercado imobiliário e da negligência à Lei de Função Social, de 1988, que exige que qualquer imóvel não fique desocupado por mais de dois anos, trabalhadores sem teto organizam movimentos de ocupação desses espaços que, além de não cumprirem a lei de função social, apresentam, muitos deles, anos de impostos prediais em atraso. E ainda, ações que propõem repensar as ideias de uso e posse do espaço público, como o Movimento Baixo Centro e os debates a respeito da Praça Roosevelt.

Assim como o “Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo: 1862-1887” de Militão Augusto de Azevedo apresentou a transformação urbanística da vila de São Paulo em cidade, outros fotógrafos lançam suas câmeras para o espaço urbano e produzem imagens que são instantâneos de um tempo histórico.



Figura 4: Fotografias da Rua Florêncio de Abreu em 1862 e 1887, de Militão Augusto de Azevedo.

Fonte: FERNANDES JUNIOR, *et all.*, p. 168 e 169, 2012.

As fotografias de Fernando Pião, Tuca Vieira e o ensaio "Construção - destruição - reconstrução" fotografado pela autora deste projeto são registros de uma cidade em constante processo de transformação orientada por uma lógica urbanística predatória.

O capítulo que se segue apresenta a análise das fotografias no que tange a mudança da cidade.

2. A FOTOGRAFIA E A CIDADE

“O caminhar produz lugares.
É o ato perceptivo e ato criativo
que, ao mesmo tempo,
é leitura e escrita do território”.
(Walkscapes, Francesco Careri)

Tuca Vieira foi fotojornalista nos anos 2000 e destacou-se nos registros de cidade. Uma de suas fotos tornou-se uma emblemática representação do contraste social paulistano. A foto da fronteira entre a comunidade de Paraisópolis e o condomínio com piscinas privativas nos terraços dos moradores do Morumbi rodou o mundo mas, para Tuca Vieira, aquela foto não era capaz de sintetizar a cidade.

Como abarcar a cidade em sua totalidade, como conhecê-la e como fotografá-la? Sua dimensão exigia uma método de abordagem.

Certo dia, Tuca Vieira encontrou um Guia Quatro Rodas que apresentava uma página dupla com o mapa da cidade de São Paulo dividido em 203 regiões. Alí estava a dica para o desenvolvimento de sua metodologia. Faria uma única foto de cada uma dessas regiões; uma esquina ou uma arquitetura escolhidos através do uso dos geolocalizadores.

Porém, diferentemente do passeio virtual proporcionado por esses aplicativos, a intenção era usá-lo apenas para escolher um endereço aonde ir; selecionar uma imagem, um recorte daquela região, um ponto de partida.

Escolheu fotografar com câmeras de grande formato 4x5, analógicas, com tripé e com uma lente 80mm (equivalente a uma lente 50mm nas câmeras de pequeno formato 35mm). Comparada às tecnologias atuais, uma parafernália, mas considerava o equipamento adequado para as correções de perspectiva. Além disso, a escolha de uma lente com uma

abertura correspondente à visão humana proporcionaria uma abordagem próxima do elemento a ser fotografado.

A idéia era experienciar a cidade, conhecê-la.





Figura 5: Fotografias do “Atlas da cidade de São Paulo e seus arredores” de Tuca Vieira, 2016.
 Fonte: <http://tucavieira.com.br/Atlas-fotografico>.

Após dois anos de deslocamentos na cidade de São Paulo percorrendo as 203 regiões do mapa, Tuca Vieira expôs o “Atlas da cidade de São Paulo e seus arredores” (2016). Um conjunto de 203 fotos em que é difícil identificar a área ou o bairro fotografado. Porém, identificá-las parece não ser a intenção, as imagens revelam uma cidade cheia de desigualdades mas com características que se repetem nas mais diversas regiões. A convivência entre a opulência e a precariedade arquitetônicas e a simultaneidade de diferentes tempos históricos formam uma paisagem heterogênea e reveladora de um processo incessante de renovação urbana, um eterno constrói-destrói-reconstrói.

O momento atual revela continuidades e descontinuidades que se combinam como consequência das transformações na relação espaço/tempo urbanos traduzidas nos “lugares da metrópole” sob a forma de rupturas de ritmo, da realização desigual do poder, das relações entre classes diferenciadas, que se traduzem em movimentos de construção e transformação, lidas na morfologia urbana e passíveis de serem apreendidas na vida cotidiana (onde aparecem sob a forma de conflito). (CARLOS, 2007)

Processo característico de uma cidade em que a especulação imobiliária, favorecida pela aliança público-privada, organiza a dinâmica urbana em função de financiamentos eleitorais e do lucro a qualquer custo, em detrimento de um planejamento urbano que contemple a coletividade e a alteridade.

"Toda a graça da cidade, por isso, repousa no fato de que ela existe para dar espaço à individualidade, não ao individualismo. Lugar da coletividade, ela se funda sobre as noções de comum e de público. Na cidade, vivemos com uma multidão que não escolhemos. A convivência com esses outros depende da aceitação da diferença como

algo estruturante. Aqui está o ponto crucial. A aceitação radical da diferença supõe a empatia, mas não a simpatia nem a recusa." (WISNIK, 2015)

Um mapa, uma mancha urbana, está em constante estado de composição e decomposição. Como uma massa informe que se modifica segundo os fluxos que avançam e retrocedem, a cidade se recompõe seja de modo formal ou informal, de forma espetacular ou precária, transformando a paisagem em um acúmulo de novos monumentos contemporâneos convivendo com totens abandonados. Construções e objetos humanos que deixaram de exercer uma função e ficaram ali mesmo, abandonados e quase despercebidos.

Segundo o geógrafo Milton Santos: "[...] paisagem é um conjunto de formas heterogêneas de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos de diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço." (SANTOS, 1996, p. 68). É nessas fissuras, nesse entretempos, que se situa o trabalho do fotógrafo Fernando Pião.

Na série “Variações do mesmo tema: arqueologia do que está por vir” (2011) apresenta imagens desses “utensílios” humanos que ficaram pelo caminho, afuncionais, e revela a provisoriidade das construções erguidas. São totens abandonados, corroídos, isolados, difícil identificar até mesmo as suas funções originais. Alguns deles tão gigantescos, tão distantes da escala humana.



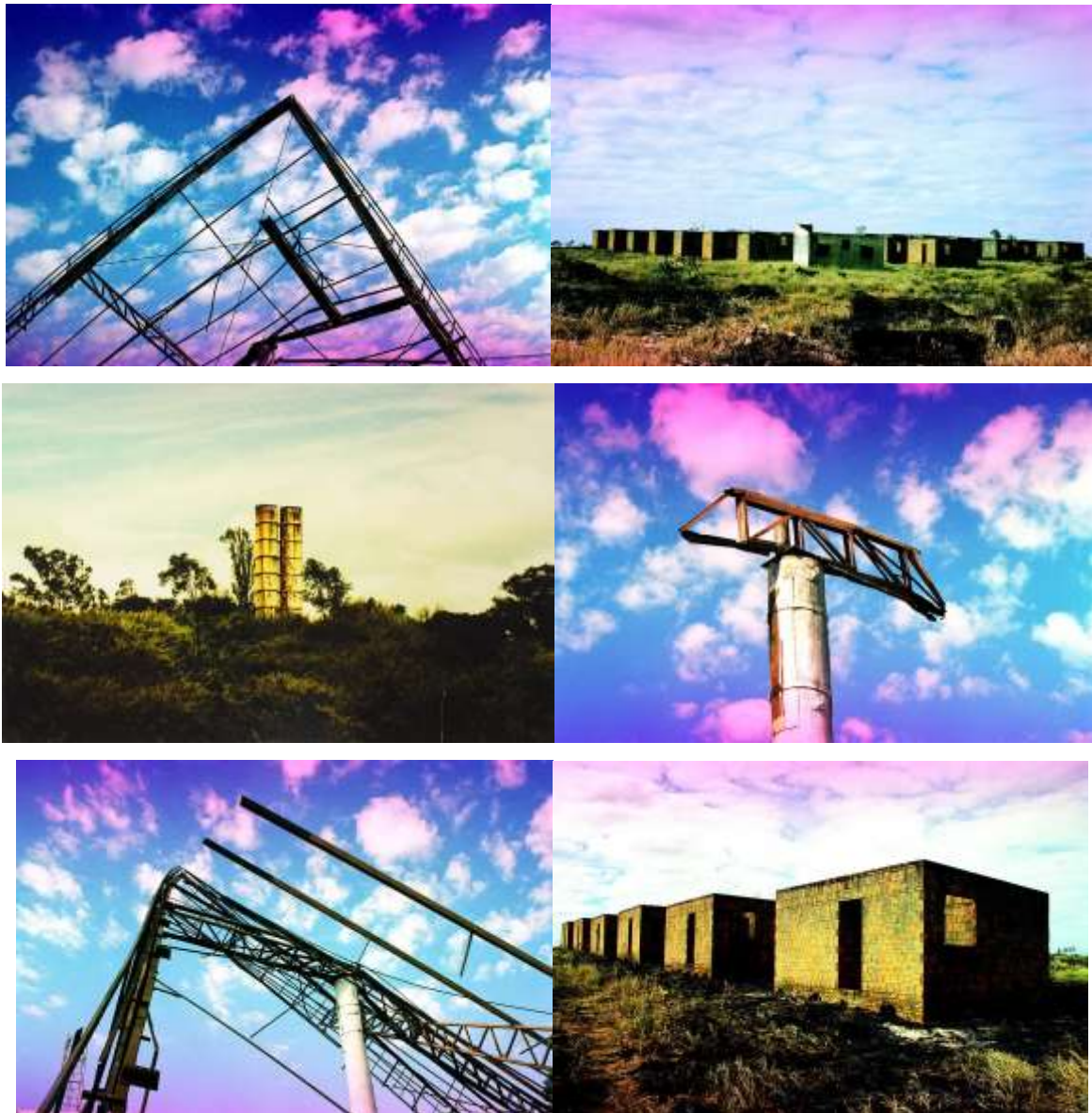


Figura 6: Fotografias do "Variações sobre o mesmo tema: arqueologia do que está por vir" de Fernando Pião. Fonte: <http://www.fernandopiao.com.br/variacao-mesmo-tema>

Pião trabalha no entre, entretempos, entre-escalas, no trânsito entre as construções. Assim como nas imagens de Tuca Vieira, a questão da eterna reconstrução aparece revelada. Uma cidade, um lugar qualquer indefinível, sendo posta abaixo enquanto outra é erguida ao lado, simultaneamente.

A obsolescência programada orchestra a paisagem da cidade. Toda uma construção fadada ao fracasso, falível, para que possa ser substituída por outra.

A fotografia é o registro da experiência e um instantâneo do mundo, de uma arquitetura que é obra de um homem e seu tempo.

Nesse sentido, Tuca Vieira é influenciado por Militão Augusto de Azevedo, já citado anteriormente neste trabalho, e até dedica a ele uma das fotos do Atlas.

Quase dois séculos depois do "Álbum comparativo da cidade de São Paulo, 1862-1887" de Militão, o "Atlas Fotográfico da cidade de São Paulo e seus arredores" de Tuca Vieira apresenta um modo de abordagem mais amplo na tentativa de dar conta da cidade em algumas imagens. Porém, Tuca sabia que o projeto fracassaria. O mapa do Guia Quatro Rodas, suas 203 regiões e os planos fotografados, provavelmente, já haviam se reconfigurado. As fronteiras se movem, pessoas se deslocam, construções são erguidas e sucateadas. Ao menos, restavam os registros, os instantâneos.

No ensaio "Cracolândia", de 2012, Tuca Vieira apresenta imagens da região da Cracolândia fotografadas durante a remoção dos usuários de drogas pelo Estado com a alegação de acabar com o tráfico.



Figura 7: Fotografias do ensaio "Cracolândia" de Tuca Vieira, 2012.

Fonte: <http://tucavieira.com.br/Cracolandia>

Tuca fotografou o local com a intenção de registrar o modo como as pessoas viviam e os últimos momentos daquelas construções precárias que, muito em breve, seriam demolidas.

São imagens de locais praticamente inabitáveis. A ineficiência do Estado no auxílio aos usuários de drogas parece aliada aos planos públicos de revitalização da área que preferem ignorar que, além do tráfico, a região é frequentada por moradores e comerciantes locais. Sobre o tema, Raquel Rolnik analisa a intervenção como parte do processo de especulação imobiliária e escreve:

Digo “a chamada cracolândia” porque essa forma de identificar o bairro da Santa Ifigênia, na região da Luz, tem sido parte da máquina que tenta a todo custo destruir o bairro, que conta com alguns dos patrimônios históricos mais antigos da cidade, e eliminar sua atual dinâmica de ocupação (que envolve, entre outros, o maior polo de comércio de eletrônicos da América Latina) para, em seu lugar, erigir a “Nova Luz”, local de torres brilhantes, centros culturais, cafés e restaurantes gourmet. (ROLNIK, 2017)

Nas fotos de Fernando Pião, as pessoas já estão ausentes; há resquícios, vestígios de uma passagem. O espaço registrado parece pouco apropriado ao (con)viver, ao compartilhar.

O ensaio "Construção - destruição - reconstrução" (2017) fotografado pela autora deste projeto lançou seu foco no processo incessante de renovação do centro da cidade de São Paulo, região onde convivem arquiteturas de diversas épocas e modos de vida que se chocam em um fluxo constante de avanços, retrocessos e negociações intermináveis.

Os planos revelam sobreposições, acúmulos e camadas distoantes de uma paisagem agredida pelos duelos e alianças entre poder público e capital privado, pixadores e vidros blindados.

Um jogo especulativo de renovação mais empenhado em projetos espetaculares de arquitetura do que em um plano coletivo de compartilhamento do espaço público.

Uma cidade que cresce sobre a sua própria ruína.



Figura 8: Fotografias da autora, ensaio "Construção - destruição - reconstrução", 2017.

Fonte: https://issuu.com/priscilabellotti/docs/centrosp_final_issuu

Os trabalhos dos fotógrafos acima citados neste projeto, foram produzidos a partir do interesse de seus autores em conhecer a cidade em que vivem. Já que, dada a enorme dimensão de São Paulo e as mudanças constantes decorrentes da renovação arbitrária, a sua compreensão e legibilidade escapam a maioria dos paulistanos.

3. METODOLOGIA

Seguiu-se nesse projeto a metodologia de análise participante, assim como realizara José de Souza Martins (2008). Debruçou-se a pesquisa especialmente nas observações do

referido autor quando sugere que a fotografia “permite compartilhar os resíduos de uma humanidade, já extinta muitas vezes, [...] e convida-nos a pensar sobre o que foi a sociedade a qual pertencera” (MARTINS, 2008, p. 10).

As ruínas e o vazio da cidade, expressos por três fotógrafos neste trabalho, dialogam com os conceitos de Martins (2008) de que, “além ou aquém das ruínas, os vestígios, invisíveis, de humanidade sondam o imaginário do fotógrafo assim como de qualquer outro espectador” (MARTINS, 2008, p. 11). Sua metodologia demonstra que as ruínas da cidade são as testemunhas da transformação, sempre associada ao diálogo da modernidade e do progresso, assim como analisou Bagolin *et al* (2009):

Há [...] um jogo de aparências que se move, a par do real, pelo imaginário do fotógrafo, porquanto nas tramas de luzes e sombras, de grades e portões, máquinas, escombros e silhuetas humanas, se entrevê o entrecimento de relações humanas passadas ou daquelas que ainda persistem nostálgicas, graças aos afetos. (Bagolin *et al*, 2009, p.)

A fotografia para Martins (2008) é o ato que traz as evidências do descompasso e do desencontro presentes em sociedade, ela é a “memória do fragmentário” (MARTINS, 2008, p. 13), assim como se tentou mostrar nesse projeto de iniciação científica.

CONCLUSÕES

Esse projeto foi construído a partir da análise histórica da cidade de São Paulo sob a perspectiva da imagem fotográfica e do estudo do “Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo: 1862-1887” do fotógrafo Militão Augusto de Azevedo, como também de estudos referentes às mudanças urbanísticas da cidade de São Paulo, apoiados nas teses da professora Raquel Rolnik.

Após esses estudos teóricos e fotográficos, deu-se a busca pela análise atual da cidade de São Paulo através dos ensaios fotográficos de Tuca Vieira e Fernando Pião. Ambos, fotógrafos interessados em caminhar por São Paulo e compreender o diagrama de forças que mantém a cidade em constante processo de renovação.

Com exceção do ensaio sobre a Cracolândia em que pretende falar de um processo em área específica e central, Tuca Vieira se assemelha a Fernando Pião ao apresentar imagens da cidade sem pretensões de localizá-la geograficamente.

Embora o centro de São Paulo seja o ponto de referência para a pesquisa da autora e de seu ensaio fotográfico "Construção - destruição - reconstrução", as ações e consequências de um planejamento urbanístico em função de circunstâncias eleitorais e benefícios privados, reverberam em processos de gentrificação e periferação. Nesse sentido, o "Atlas da cidade de São Paulo e seus arredores" (2016) de Tuca Vieira apresenta um excelente mapeamento fotográfico da cidade. Fica evidente a diferença entre as áreas centrais e a imensa periferia da cidade, entre a opulência e a precariedade arquitetônicas.

Já as imagens de Pião, sobretudo as que apresentam as ferragens enferrujadas, podem ser de qualquer lugar e, até mesmo, qualquer momento na história. Há uma duração de tempo agindo naquelas estruturas abandonadas.

Há mais uma afinidade no proceder de ambos, a captura analógica. A escolha desse tipo de processamento da imagem, seja da hora do *click* até a revelação, edição, provas e ampliações, exige do fotógrafo certo rigor técnico e perceptivo, portanto, atenção e presença a cada passo. Um procedimento mais lento e atento descompassado do ritmo frenético que a cidade funciona e exige. Na contramão do imediatismo, a escolha pelo analógico é também uma tática para a experiência, para a convivência e a alteridade.

A partir das referências bibliográficas e fotográficas, e das caminhadas pela cidade, surgiram as ideias para "Construção - destruição - reconstrução" da autora. Fotografias do centro de São Paulo que revelam as camadas de tempos históricos expressos na arquitetura da cidade.

Ainda que registradas digitalmente, foram fruto de um longo processo de leituras que aguçaram a percepção e solicitaram o ralentar da caminhada.

Nesse ensaio, a fotografia testemunhou a configuração momentânea do espaço urbano em uma área determinada. Segundo Queirós e Rodrigues, "(...) o trabalho de observação directa visou essencialmente a captação de alguns aspectos visíveis das formas através das quais as mudanças globais do sistema capitalista se têm materializado no contexto territorial específico."

Sendo assim, a fotografia se torna parte de um processo interativo em que atua na formulação de questões urbanas, problematiza o espaço e evidencia as consequências de um processo econômico, político e social injusto, que reordena a cidade em benefício de um grupo minoritário.

REFERÊNCIAS

BAGOLIN, Luiz Armando; REIS, Magali. Resenha: José de Souza Martins, Sociologia da fotografia e da imagem. IN: Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, v. 21, n. 1. junho 2009, pp. 214-217

CARERI, Francesco. Walkscapes, o caminhar como prática estética. São Paulo: Editora GGilli, 2013.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007.

FERNANDES JUNIOR, Rubens; BARBUY, Heloisa; FREHSE, Fraiha. Militão Augusto de Azevedo. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes. Salvador: EDUFBA, 2012.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997.

MARTINS, José de Souza. Sociologia da fotografia e da imagem. São Paulo, Contexto, 2008

MARTINS, José de Souza. São Paulo, Edusp (coleção Artistas da USP), 2008, 184 pp.

MEKARI, Danilo. Especulação imobiliária é o maior desafio para ocupação do espaço público em São Paulo, apontam ativistas.

<http://portal.aprendiz.uol.com.br/2015/08/27/especulacao-imobiliaria-e-o-maior-desafio-para-ocupacao-espaco-publico-em-sao-paulo-apontam-ativistas/>

PEIXOTO, Nelson Brissac. Paisagens urbanas. São Paulo: SENAC, 2004.

PEIXOTO, Nelson Brissac. Do catálogo da exposição “Ver do meio, como o mato que cresce entre as pedras”. São Paulo, Instituto Tomie Ohtake, 2015.

QUEIRÓS, João, RODRIGUES, Vanessa. Não, não somos jornalistas. Uma introdução à utilização do diário de campo e da fotografia na pesquisa sociológica. Comunicação apresentada na Conferência Etnografias em Contexto Urbano: quatro estudos de caso, organizada pelo Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/54402/2/ISWP142006000122601.pdf>

ROLNIK, Raquel. Territórios em conflito, São Paulo: espaço, história e política. São Paulo, Ed. Três Estrelas, 2017.

ROLNIK, Raquel. Intervenção na Cracolândia: Luz para quem?. Disponível em: <https://raquelrolnik.wordpress.com/2017/05/25/intervencao-na-cracolandia-luz-para-quem/>
Acesso em: 09/06/2018

SANTOS, Milton. *Paisagem e espaço*. In: Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo, Ed. Hucitec, 1996.

WISNIK, Guilherme. Posse ou uso da cidade?. São Paulo: Jornal Folha de São Paulo, 13 de junho de 2016.

WISNIK, Guilherme e VIEIRA, Tuca. Cidade inacabada, mapa fotográfico de São Paulo. São Paulo: Revista Piauí, edição 112, janeiro de 2016,

PIÃO, Fernando. Variações sobre o mesmo tema: arqueologia do que está por vir. Disponível em: www.fernandopiao.com.br Acesso em: 13/10/2017

BELLOTTI, Priscila. Construção-destruição-reconstrução. Disponível em: https://issuu.com/priscilabellotti/docs/centrosp_final_issuu Acesso em: 20/06/2018

VIEIRA, Tuca. Atlas fotográfico da cidade de São Paulo. Disponível em: www.tucavieira.com.br Acesso em: 20/06/2018

_____. Cracolândia. Disponível em: www.tucavieira.com.br Acesso em: 20/06/2018

<https://saopaulonafoto.files.wordpress.com/2010/04/mapa-centro2.jpg>